

MARGARETE BANDEIRA MESQUITA

**TELEVISÃO: PERIGO PARA A DEMOCRACIA? UMA INTERPRETAÇÃO
DOS PENSAMENTOS DE KARL POPPER & JOHN CONDRY**

MARGARETE BANDEIRA MESQUITA

**TELEVISÃO: PERIGO PARA A DEMOCRACIA? UMA INTERPRETAÇÃO
DOS PENSAMENTOS DE KARL POPPER & JOHN CONDRY**

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO - EE
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

REITOR: HANS JURGEN FERNANDO DOHMANN
DECANO: MARIA TEREZA WILTGEN TAVARES DA C. FONTOURA
DIRETORA DA ESCOLA: JANETE OLIVEIRA ELIAS
CHEFE DO D. DE DIDÁTICA: LÍGIA MARTHA COIMBRA C. COELHO
PROFESSORA: GILDA GRUMBACH
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ MARIA COUTINHO

97/11

MARGARETE BANDEIRA MESQUITA

**TELEVISÃO: PERIGO PARA A DEMOCRACIA? UMA INTERPRETAÇÃO
DOS PENSAMENTOS DE KARL POPPER & JOHN CONDRIY.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como condição para a obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Pedagogia na
Universidade do Rio de Janeiro, orientado
Pelo Professor Dr. José Maria Coutinho.

RIO DE JANEIRO
Julho, 1997.

Dedico este trabalho ao meu pai João Parente Mesquita (in memoriam), que soube como ninguém ensinar-me a lutar com dignidade. Você se foi e o terno guardado para a formatura também, mas sei que onde quer que esteja, estará orgulhoso de mim. Ao meu pai com todo o meu amor.

“O meu amor é o meu peso. Para qualquer parte que vá, é ele quem me leva.”

Santo Agostinho

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Dalva, pela dedicação e amor à mim e a minha filha Lais durante estes anos de estudo.

A minha filha Lais, que apesar das minhas ausências é a criança mais amorosa e terna que uma mãe pode desejar.

À minha tia Nicinha, que esteve presente orientando amorosamente minha família.

Ao meu orientador, professor Coutinho que acreditou em mim.

E finalmente, ao Wallace que me deu amor.

SUMÁRIO	P.	
I	INTRODUÇÃO	09
	1 Objetivos	11
	2 Justificativa	11
	3 Metodologia	12
II	REVISÃO DE LITERATURA	13
III	O POTENCIAL COMUNICADOR DA TELEVISÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCREÁTICA	18
IV	O PENSAMENTO DE KARL POPPER & JOHN CONDRY	24
V	A IDEOLOGIA DEFENDIDA POR POPPER & CONDRY	30
VI	KARL POPPER & JOHN CONDRY X VÁRIOS AUTORES	34
VII	CONCLUSÃO	41
	BIBLIOGRAFIA	47

TELEVISÃO: PERIGO PARA A DEMOCRACIA?

**UMA INTERPRETAÇÃO DOS PENSAMENTOS DE KARL POPPER & JOHN
CONDY**

I. INTRODUÇÃO

No mundo atual onde as tecnologias eletrônicas estão cada vez mais avançadas, a televisão certamente ocupa um lugar de destaque.

Inserida no cotidiano de milhões de pessoas, a televisão ainda fascina tanto o indivíduo comum, que geralmente não reflete sobre como e porque é seduzido, como estudiosos de várias áreas do conhecimento que buscam analisá-la em seus aspectos multifacetados.

Entretanto é necessário uma certa cautela e uma dose de neutralidade, se é que isto é possível ao analisarmos o grande poder da televisão enquanto meio de comunicação de massa, para que não terminemos em reflexões maniqueístas que certamente não alcançarão todas as nuances envolvidas no processo de análise.

Ao investigarmos se a televisão é ditadora ou democrática, cabe a seguinte pergunta: democrática ou ditadora para quem? A partir desta resposta poderemos traçar um caminho para uma análise fria e por que não neutra.

Citando o exemplo da televisão brasileira apelidada por Carlos Diegues de "filha da ditadura",

tivemos na década de 60/70 e no começo da década de 80 uma televisão à serviço da ditadura militar funcionando como instrumento alienador.

Mas felizmente o Brasil mudou. E a televisão também. Deixemos um pouco de lado aqui se esta mudança foi significativa ou não. Vamos nos deter apenas ao fato que ficou claro ao longo destes anos televisivos: A televisão estará sempre ao lado do poder, não importando se este poder é democrático ou ditador.

Considerando a nova ordem mundial da globalização da economia, sustentada pelo neoliberalismo que espalha seus tentáculos no mundo todo, vivemos hoje uma realidade onde o poder econômico e político está nas mãos de uma elite privilegiada. E o saldo é uma sociedade cujas disparidades sociais agravam-se a cada dia.

No Brasil, onde o governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso vem assumindo uma postura neoliberal, as desigualdades crescem em números alarmantes: o analfabetismo ainda é uma chaga não curada, embora há que se reconhecer algumas iniciativas, inclusive do próprio governo Federal, como o programa da alfabetização solidária, uma parceria do governo com prefeituras, universidades e empresas.

Entretanto o índice de analfabetismo em crianças de 12 a 18 anos continua sendo de 19.6%, o país ainda tem 19 milhões de analfabetos, e a Comunidade Solidária atinge menos de 10.000 destes. (VEJA, 1997:junho)

E onde entra a televisão neste contexto?

A televisão é uma poderosa arma da elite que detém o poder, na medida que inculca os valores do capitalismo

através da cultura do consumo no bombardeio diário da publicidade em TV.

1. OBJETIVOS

Esta monografia tem os seguintes objetivos:

1. Investigar o potencial comunicador da televisão na construção de uma sociedade democrática.
- 1.2 Contrastar os pensamentos de Karl Popper & John Condry com os de outros autores, sobre televisão e democracia.

2. JUSTIFICATIVA

“...cada pessoa que entra em contato com uma criança é um professor que incessantemente lhe descreve o mundo, até o momento em que a criança é capaz de perceber o mundo tal como foi descrito.”

(Castañeda, Carlos, in Alves, 1995)

Pensando sobre o que Castañeda afirmou, podemos constatar que no mundo atual a criança está em permanente contato com novas tecnologias e em especial com a televisão e é nesta relação que devemos nos deter para olhar novamente, digo “novamente” porque muito já se falou sobre o impacto da televisão na vida social do indivíduo, entretanto o diálogo não se esgotou e acreditamos que há muito o que se pensar e fazer a respeito, por isso a necessidade dos vários olhares para o que poderá significar

este "contato" da TV com a criança e como esta criança perceberá o mundo.

O homem desde sua existência procura compreender o mundo e suas especificidades. E é nesta linha de pensamento, que buscaremos com olhar investigativo desvelar o que é mostrado em Televisão.

O presente trabalho não tem a pretensão de analisar todos os aspectos relacionados à televisão, mas espera contribuir para a compreensão do fenômeno televisivo e a sua função dentro de uma sociedade democrática.

3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se por seus aspectos qualitativos e dedutivos, e se limitará a analisar os pensamentos dos autores Karl Popper e John Condry que discutem o papel da televisão numa sociedade democrática.

Em princípio, faremos breve apresentação do conceito de ideologia e suas implicações para a televisão. Em seguida, discutiremos o potencial comunicador da televisão na construção de uma sociedade democrática.

Nesta análise, será avaliado o pensamento de Popper & Condry sob o ponto de vista de contrastantes ideologias.

E finalmente comparar o pensamento de outros teóricos da comunicação e educação com os de Popper & Condry.

O que espero concluir com o presente estudo não é o estabelecimento de verdades absolutas e fechadas sobre o fenômeno televisivo e sim rever conceitos e reflexões

acerca do maior e mais poderoso veículo de comunicação de massa - a televisão.

II. REVISAO DE LITERATURA

1. A Ideologia subjacente aos programas televisos

O termo ideologia será aqui usado tanto para a classe dominante que pressupõe uma ação de dominação e exploração quanto para a classe dominada que busca a libertação da opressão a que é submetida.

Revendo o conceito de ideologia temos:

“sistema das idéias, representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social”. (Althusser, Louis, 1989)

Toda ideologia tem como objetivo sustentar e justificar teoricamente a ação, ou seja, princípios e normas que orientam a ação. E como exigência da ação ela será parcial, fragmentária e superável e em virtude disto a ideologia não será jamais exaustiva.

Neste contexto, a ideologia em geral é ambivalente, ela tanto poderá estar a serviço da dialética da História, explicitando os conflitos, como poderá exercer uma função conservadora, mascarando as contradições existentes na sociedade.

Complementando a exposição anterior, veremos a natureza e a função política da ideologia da classe dominante.

A ideologia defendida pelo pensamento liberal é

que todos os homens são iguais, e teriam oportunidades iguais, entretanto desde a sua formação até os nossos dias, vimos que este discurso não passou da teorização.

Poulantzas (1995) indica a contradição entre um discurso sobre a liberdade, igualdade, da classe burguesa dominante, e sua prática exploradora, afirmando:

“...a forma dominante através da qual a classe burguesa viveu no início os seus protestos contra a ordem feudal, (...) e que influenciou o conjunto das formações capitalistas foi o discurso jurídico-político.

Poulantzas explica a correspondência que existe entre a ideologia dominante e a classe politicamente dominante: “A correspondência entre a ideologia dominante e a classe politicamente dominante é devida ao fato de que a constituição do ideológico desta ou daquela ideologia enquanto instância regional, tem lugar na unidade da estrutura que tem como efeito, no campo da luta de classe, esta ou aquela dominação de classe, a dominação desta ou daquela classe. A ideologia dominante, ao assegurar aqui a inserção prática dos agentes na estrutura social, visa à manutenção - a coesão - desta estrutura, o que quer dizer, antes de mais nada, a exploração e a dominação de classe. É precisamente neste sentido que a ideologia é dominada, numa formação social, pelo conjunto de representações, valores, noções, crenças, etc., por meio dos quais se perpetua a dominação de classe, ela é pois dominada por aquilo que se pode, por isso designar como a ideologia da classe dominante”. (Poulantzas, Nicos: Poder Político e

Classes Sociais, vol. II, p. 36)

A função mistificadora da ideologia dominante, contudo, não se esgota ao justificar os interesses econômicos específicos da classe dominante, mas sobretudo inibe completamente qualquer manifestação de libertação contra a dominação e exploração.

Para a manutenção dos objetivos mistificadores, a ideologia, apresenta-se como ciência, verdade absoluta, provocando uma adesão das classes dominadas.

3. O aparelho ideológico televisivo

Vejamos a seguir o histórico da Televisão brasileira:

A Televisão chegou ao Brasil no primeiro ano da década de 50, trazida por Assis Chateaubriand. A TV entrou no país como um dos tantos equipamentos e novidades que se importavam no período de pós-guerra.

Durante todo um decênio, a televisão permaneceu à margem do mercado publicitário, sendo financiada principalmente por verbas de origem política.

Entretanto a televisão suplantou em termos de público e de receitas publicitárias, todo e qualquer meio de informação no Brasil. Em 1962, a televisão detinha 24,7% do total de investimentos em publicidade, enquanto os jornais ficavam com 18,1%, as revistas em 27,1 e o rádio com 23,6%. Dez anos mais tarde, o jornal (21,8), revistas (16,0) e rádio (9,4) juntos praticamente equivaliam a tevê (46,1).

Após 1972 a televisão conquistou a hegemonia do mercado publicitário. Ao mesmo tempo, mantinha-se a média de investimentos, totais em propaganda superior a 1% do PIB, o que colocava o Brasil como décimo maior mercado publicitário do mundo (investimentos na ordem de 2 bilhões de dólares, em 1981.)

Diante dos dados acima, não há como negar o poderoso aparelho ideológico que é a Televisão.

O aparelho ideológico da Televisão e suas consequências segundo Carlos Diegues, Toscani Oliviero e Pierre Bourdieu:

“Tecnologicamente de ponta, atualizada e, muitas vezes, à frente do que se faz no resto do mundo civilizado, a Televisão brasileira estruturou-se em condições institucionais semelhantes as dos velhos engenhos de açúcar do Nordeste. Da varanda de suas casas grandes, cercados de suas famílias e agregados, os quatro ou cinco senhores de engenho do audiovisual e da informação decidiam sobre o destino da senzala - nós, a população brasileira e nossas mentes”. (Carlos Diegues, 1993)

Muito pertinente a analogia feita por Carlos Diegues. A classe social dominante, para sustentar sua hegemonia na sociedade capitalista, lança mão dos aparelhos ideológicos do Estado e a televisão tem uma função importante no conjunto destes aparelhos, devido a sua eficácia na inculcação da ideologia dominante.

“O público mal percebe a que ponto o que ele consome muda a face do mundo” (Toscani, Oliviero, 1996)

Para Toscani Oliviero, o que consumimos no Ocidente muda a face do planeta, porque nossos produtos, nosso modo de vida, nossos hábitos alimentares colonizam o mundo inteiro. É a lei do capitalismo. A função da publicidade é convencer os demais países de que a única vida aceitável, a verdadeira arte de viver, é a nossa.

No início do século, existiam em cada país dezenas de bebidas refrescantes, sodas, coquetéis de sucos de frutas. A Coca-Cola conquistou tudo. Seu sistema de distribuição e de publicidade suplantou todos os concorrentes, o mundo inteiro se dobrou à Coca. Na América Latina, existem excelentes bebidas à base de guaraná, tônicas, deliciosas: são mais difíceis de achar que uma Coca. A monocultura ganha a cada dia mais terreno. Graças a publicidade. Graças a Televisão.

Nos países pobres, a televisão oferece o modelo padrão da existência ocidental feliz, com flocos de milho pela manhã, hamburques ao meio-dia, Ford para ir às compras e Coca-Cola para a sede.

Assim que o primeiro outdoor da Coca-Cola foi erguido nas ruas de Pequim, a imagem deu a volta ao mundo. Era o símbolo da mudança na China, de sua entrada no regime da livre empresa, da sociedade de consumo.

A inauguração do primeiro Mac Donald em Moscou teve a mesma significação de mudança política que na China. Hoje, nos países do Leste, as populações começam a compreender que o sistema liberal de modo algum se parece com a imagem ideal caricatural que lhe confere a publicidade. Descubrem o desemprego, o questionamento das leis sociais, as quebras de empresa, a crise, o

enriquecimento de alguns, as máfias, a prostituição maciça, todos esses dramas que não estavam previstos nos cliques. E finalmente algumas "bombinhas" de Pierre Bourdieu:

Para Bourdieu, a televisão é uma "despolitização trágica". Ele cita o exemplo da França, onde mais de 50% das pessoas não têm acesso a nenhum outro meio de comunicação. O único veículo de informação é a TV, que é o mundo "fait-divers", dos anúncios. Na televisão da França não há, por exemplo, nada sobre política externa.

O autor enfatiza que a Televisão é um instrumento terrivelmente antidemocrático, e que não há nada pior que a TV. Para Bourdieu, que assim como a Educação, a Televisão deve ser pública. Bourdieu, afirma que Educação e Informação são as condições para a liberdade de escolha.

III. O POTENCIAL COMUNICADOR DA TELEVISÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

1. Televisão e comunicação

"... a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e deve ser julgada exclusivamente como tal." (Luís Fernando Veríssimo)

Antes de nos determos especificamente sobre televisão e comunicação, relembremos o conceito e como se dá o processo de comunicação:

1.1. Comunicação

"Ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos, quer de aparelhamento técnico especializado, sonoro e/ou visual." (Kelly Celso, 1972)

1.2. O processo de comunicação

O ato elementar da comunicação implica a existência de um emissor, que elabora uma mensagem a partir de sinais tomados de um código, de um canal pela qual a mensagem é transferida através do espaço e do tempo, e de um receptor, o qual recebe a mensagem e a decodifica, com a ajuda dos sinais que ele tem armazenados.

O emissor pode ser um indivíduo, um grupo ou um organismo difuso e distante, como uma cadeia de televisão.

O receptor pode reenviar ao emissor a informação recebida. Na comunicação interindividual como a conversação, emissor e receptor invertem alternativamente os papéis; há um vaivém de informação (feedback). A informação circula nos dois sentidos.

No caso da televisão, a comunicação é essencialmente, de sentido único e pode-se falar mais adequadamente de difusão. Uma minoria produz de uma forma quase industrial, mensagens que a grande massa absorve em silêncio.

Diante deste fato contundente, podemos refletir um pouco sobre o poder comunicativo da televisão.

Sobre este poder comunicativo, temos a análise contundente de Humberto Eco (1993), sobre o século em que vivemos:

"Nosso século foi o da comunicação instantânea. Hernán Cortés pôde destruir uma civilização e, antes que notícia se espalhasse, teve tempo para encontrar justificativas a seus empreendimentos. Hoje, os massacres da Praça da Paz Celestial em Pequim, tornam-se atualidade no momento mesmo em que se desenrolam e provocam a reação de todo o mundo civilizado. Mas informações simultâneas em excesso, provenientes de todos os pontos do globo, produzem um hábito. O século da comunicação transformou a informação em espetáculo. Arriscamo-nos a confundir a todo instante a atualidade e o divertimento. Nosso século presenciou o triunfo da ação à distância. Hoje, aperta-se um botão entra-se em comunicação com Pequim. Aperta-se um botão e um país inteiro explode. Aperta-se um botão e um foguete é lançado a Marte. A ação à distância salva numerosas vidas, mas irresponsabiliza o crime."

Ainda sobre o poder dos meios de comunicação de massa, Eco em sua obra "Viagem na Irrealidade Cotidiana (1984), afirma que no mundo atual um país pertence a quem controla os meios de comunicação.

A violência armada é cada menos utilizada já que pode-se controlar o país através do jornal, rádio e

produção, o problema da alienação muda de significado.

O problema das comunicações de massa é que até agora essa variabilidade das interpretações tem sido casual. Ninguém controla o modo como o destinatário usa a mensagem. Nesse sentido, ainda que tenhamos deslocado o problema não resolvemos o problema da era das comunicações.

Para Eco se o apocalíptico diz: "o mídia não transmite ideologias, ele próprio é ideologia, a televisão é a forma comunicativa que assume a ideologia da sociedade industrial avançada", podemos responder: "O mídia transmite aquelas ideologias às quais o destinatário recorre como a códigos que nascem da situação social em que vive, da educação recebida, das disposições psicológicas do momento."

Maria Thereza Fraga Rocco, aponta algumas questões sobre o poder dos mídias em sua obra "A Linguagem Autoritária. Televisão e Persuasão.

Segundo a autora, reelaboramos a partir de nós mesmos, a partir das relações que mantemos com o mundo, tudo o que chega até nós. E por não sermos uma tábula rasa, não registramos de forma homogeneizada tudo que recebemos.

A autora concorda que alguns comerciais televisivos criam algumas expectativas nas pessoas, chegando mesmo a moldar gostos. Suas promessas seduzem os indivíduos. E esse processo de sedução se dá pela estruturação verbal das mensagens, pelos apoios persuasivos de que esse verbal se serve e que se ligam às imagens mostradas.

Entretanto, ela nos diz que é preciso conhecer as variantes, seja social, psicológica de cada indivíduo e o contexto social que este está inserido para uma análise

coerente e verdadeira do poder que a televisão exerce numa sociedade. A autora não nega os efeitos muitas vezes devastadores provocados por este meio de comunicação, apenas nos mostra que tais efeitos podem ser também positivos.

2) **Televisão e Democracia**

Uma sociedade democrática tem em seu cerne a igualdade de direitos concedida a todos os cidadãos, onde teoricamente não há espaço para qualquer violência, seja física ou ideológica.

Renato Janine Ribeiro, em sua obra "A palavra Democrática" diz que a humanidade busca superar o mundo da força, e é nesta concepção que a linguagem é a grande característica do ser humano.

Além disso, a linguagem forja a igualdade do homem. Quando se dá a interlocução entre dois seres humanos, considerando que são partes de um diálogo, eles se realizam como iguais.

Consolida-se cada vez mais a idéia de que só a democracia realiza adequadamente a política. Inference-se que a política está na substituição da força pela palavra.

Contudo, o que podemos constatar é que as coisas não funcionam tão linearmente. Renato Janine classifica a palavra como densa e "suja". Por densidade ele entende como a carga poética da palavra. Na palavra a denotação é importante, mas nem por isso é o centro dos discursos e, sobretudo, daqueles discursos em que o destinatário se mostra relevante. A conotação é tao importante quanto a

denotação. Assim, não dá para concordar que a circulação das palavras confirme uma suposta produção da linguagem em uma relação inocente com seus referentes ou num nexó inocente com seus receptores.

Já por "sujeira", o autor afirma que a palavra, sem dúvida, é excessiva. O elemento de manipulação do outro é bastante frequente na linguagem. Na publicidade, na religião, no direito e em várias ciências sociais aplicadas se descortinou, assim, um discurso ideológico subjacente e inconfesso.

E finalmente falemos sobre a manipulação deliberada do destinatário, onde se utiliza a sedução como principal ferramenta de persuasão.

"A sedução é a realização suprema da retórica. Esta última, estudando as paixões humanas, pergunta como o discurso deve se configurar para melhor manejar o seu destinatário, entendido, antes de mais nada, como um ser de afetos, de paixões. E é na sedução que esse jogo extrapola, decididamente, as palavras, para meter-se no "clima", no entorno..." (Renato Janine, 1997)

Verificamos diante da afirmação de Renato Janine, que a linguagem dificilmente convém ao modelo de uma troca de idéias e de vontades límpidas que fundaria a interlocução ou o diálogo democrático ou político.

E neste contexto a televisão como a concebemos hoje cumpre sua função: a de seduzir adultos ou crianças com sua linguagem verbal e visual e cujo principal objetivo é vender: seja um produto ou uma idéia.

Contudo esta questão não está encerrada, voltaremos a discutir o papel da televisão na visão de alguns autores analisados neste trabalho, onde poderemos delinear alguns aspectos acerca do fenômeno televisivo.

IV. O PENSAMENTO DE KARL POPPER & JOHN CONDRIY

Karl Popper é autor de uma vasta obra caracterizada como filosófica e científica. John Condry, psicólogo americano foi co-diretor do Centro de Pesquisas sobre os efeitos da televisão.

A seguir vamos analisar o pensamento destes dois autores na obra: **Televisao: um perigo para a Democracia.**

1. Popper: Televisão, violência e controle

Karl Popper inicia seu discurso com a bombástica afirmação:

“educamos nossos filhos para a violência através da televisão e de outros órgãos de comunicação, e infelizmente é necessário recorrer à censura”.

Não obstante, mais tarde ele próprio tenha admitido que numa sociedade democrática e aberta não poderia haver qualquer tipo de censura.

A principal acusação que Popper faz à televisão é a de que esta incentiva a violência no seio da sociedade. A televisão para o autor, tornou-se um poder incontrolado,

e e como tal contraria os princípios da democracia.

Desta forma Popper lança a idéia de uma proposta política para a televisão.

A proposta inspira-se no protocolo a que os médicos são submetidos, uma vez que estes possuem sobre a vida e a morte dos doentes um poder importante, que deve necessariamente sofrer uma forma de controle. Os médicos são vigiados por organismos próprios, segundo um método altamente democrático.

Popper propõe que o Estado crie um dispositivo semelhante para quem trabalhe na produção de programas televisivos. Qualquer indivíduo que trabalhe nesta instituição, deveria ser titular de uma autorização ou licença, que poderia ser-lhe retirada definitivamente se alguma vez agisse em contradição com determinados princípios. Se este indivíduo que trabalhasse em televisão infringisse as regras estabelecidas pela organização perderia sua licença.

Para o autor este tipo de controle constante seria muito mais eficaz que a censura, pois a licença só seria entregue após uma formação, seguida de um exame final. O objetivo desta formação seria levar as pessoas que se propusessem a fazer televisão a compreenderem que iriam participar de um processo de educação de alcance extraordinário.

Para Popper o conteúdo dos cursos de formação deverá, orientar-se para o papel fundamental da educação, para as suas dificuldades e para o fato de esta não consistir apenas em ensinar os fatos, mas mostrar como é importante a eliminação da violência.

Ainda esclarecendo como seria o conteúdo dos cursos, o autor salienta a importância de como as crianças recebem as imagens, como absorvem o que a televisão lhes apresenta e como se esforçam por se adaptarem a um ambiente marcado pela televisão. Sendo necessário esclarecer que as crianças, nem sempre estabelecem a distinção entre ficção e realidade.

O exame permitira que os candidatos mostrassem não só que assimilaram o curso, mas também que tomaram consciência da sua responsabilidade de educadores e que se comprometeriam a agir em conformidade.

Esta licença não deverá restringir-se apenas aos produtores, que têm a maior responsabilidade na escolha dos programas, mas igualmente aos técnicos, aos operadores de câmara, etc., uma vez que todos os que colaboram nas produções televisivas têm uma parte de responsabilidade na sua difusão.

Desta forma Karl Popper salienta que todo empregado poderá dizer aos diretores de produção que não colaborará em determinado programa que fira os preceitos estabelecidos pelas regras, pois não correrá o risco de perder sua licença. Assim os produtores serão submetidos ao controle das pessoas que trabalham sob sua dependência.

Karl Popper ressalta que a sua proposta não tem apenas um caráter de urgência, mas corresponde também a uma necessidade absoluta do ponto de vista da democracia. Pois a democracia consiste em submeter o poder político a um controle, sendo esta a sua característica essencial. Numa democracia não pode haver nenhum poder político incontrolado.

Neste contexto o autor afirma que a televisão adquiriu um poder incontrolado no seio da democracia, e não se pode mais suportar os seus abusos. E que deve-se deter tal poder através dos meios que ele indicou em sua proposta.

Em seguida, transcreveremos o pensamento de John Condry e sua análise sobre a televisão contida na mesma obra.

2. **Condry: o tempo e o conteúdo da TV**

John Condry afirma que a influência exercida pela televisão baseia-se em dois fatores: o tempo passado a vê-la e o conteúdo dos programas. Quanto mais tempo o indivíduo permanecer diante da televisão, mais sofrerá a sua influência, ainda que esta dependa do conteúdo.

Segundo Condry, independentemente da qualidade dos programas propostos, há várias consequências para as crianças que vêem muita televisão: lêem menos, brincam menos e sofrem mais frequentemente de obesidade do que as outras.

O autor afirma que a televisão é uma ladra do tempo. Pois quando as crianças passam horas vendo televisão, deixam de usufruir de outras atividades que poderiam ser muito mais produtivas para o seu desenvolvimento.

Condry ressalta um aspecto ainda mais nefasto: o conteúdo dos programas e da publicidade que influencia profundamente as atitudes, as crenças e as ações das crianças.

Segundo o autor, as pesquisas demonstraram que as crianças que vêem mais televisão são mais agressivas do que as que vêem pouca. A violência mostrada nos programas televisivos, inclusive em desenhos, afeta o comportamento e também as suas crenças e valores.

Os programas destinados às crianças apresentam os homens e as mulheres em papéis estereotipados, favorecendo desta forma a reprodução destes papéis por parte das crianças que assistem a tais programas.

O autor continua sua análise fazendo o seguinte questionamento: "Será que, ao verem televisão, as crianças não continuam a fazer aquilo que sempre fizeram, ou seja, observar a sociedade para tentarem compreender que lugar vão ter de ocupar nela?"

Condry afirma que sim, as crianças continuam a observar o mundo, e segundo ele nunca estiveram tão sozinhas neste aprendizado, e a televisão não as informa sobre o mundo, chegando algumas vezes a fornecer-lhes uma imagem deturpada do real. A televisão atual tem um único objetivo: fazer vender, e funciona como instrumento comercial.

Condry cita Nicholas Johnson: "a televisão é sempre educativa, mas resta saber o que ensina" Nessa linha, Condry nos fala sobre a escala de valores preconizados nos programas para crianças que enfatizam valores egoístas e egocêntricos como a brincadeira, o divertimento, a felicidade, em detrimento de valores humanitários como ajudar os outros, ser obediente e disciplinado.

Diante deste quadro, John Condry acredita que a televisão não pode ser uma fonte útil de informações para

as crianças, podendo ser até perigosa. Suas idéias são falsas, irrealistas, o seu sistema de valores limita-se a servir o consumo. Por tudo isto, a televisão para Condry é: “um deplorável instrumento de socialização.”

O autor propõe algumas atitudes sobre como agir diante da influência nefasta que a televisão exerce sobre o indivíduo e sobretudo sobre as crianças.

Para Condry, os pais deveriam diminuir o tempo que seus filhos passam diante da TV, mostrando-lhes os malefícios causados pela televisão seja de ordem social ou psicológica. Estabelecer um diálogo acerca dos programas que vêem, comentar com eles o que lhes parece falso e enganador. Isto permitiria que as crianças tivessem um olhar mais crítico sobre as informações que a televisão fornece.

Condry afirma que devemos melhorar o nível dos programas oferecidos às crianças, devendo ser acompanhados por programas pedagógicos de qualidade. Nesta linha, o autor demonstra que a escola deverá propor às crianças que discutam os programas e as idéias que lhes são apresentados. Deverá criar programas pedagógicos que visem transformar as crianças em telespectadores dotados de espírito crítico.

O autor finaliza afirmando que a televisão não está predestinada a desaparecer e que é pouco provável que venha a constituir um ambiente favorável à socialização das crianças. Entretanto podemos orientar as crianças no sentido de esclarecer que a televisão não é a única fonte de informação sobre o mundo. E esta deverá ser uma tarefa tanto da família como da escola que devem desempenhar um papel essencial neste domínio.

V. **A IDEOLOGIA DEFENDIDA POR KARL POPPER & JOHN
CONDY**

Karl Popper se define como um teórico do pensamento liberal e é nesta linha que conduz sua análise da televisão.

O pensamento liberal amparado pela democracia está fundamentado pela igualdade, fraternidade e liberdade. Entretanto, é sabido que esta tríade desde a sua concepção nas revoluções burguesas, nunca passou de simples teoria.

A visão minimalista que Karl Popper tem da democracia, e seu conceito de sociedade aberta, nos faz questionar o seguinte: o que espera o autor de uma televisão que nada mais é do que um instrumento a serviço do pensamento liberal e, por conseguinte, do capitalismo?

O contra-senso está exatamente neste ponto. Como pode o autor defender o liberalismo, e podemos ler capitalismo, e ao mesmo tempo lançar críticas tão severas a um instrumento tão eficaz para a consolidação e perpetuação deste sistema?

Não pode. O autor é contraditório em suas colocações. A sua proposta para o controle da televisão é no mínimo ingênua. Estabelecer regras de controle na programação para que esta seja menos comercial e mais social é utópica. Para que isto ocorresse seria necessário transformar o capitalismo em outra doutrina - o socialismo.

Ainda analisando a proposta de Karl Popper temos:

Como crer que um empregado não seria demitido imediatamente ao negar-se a efetuar determinada tarefa que por ventura não fosse de encontro às regras estabelecidas

por esta "nova instituição" que mesmo tendo como objetivo um compromisso social e não comercial, ainda assim seria um empresa e como tal visaria também o lucro,?

Esqueçamos aqui as implicações psicológicas da relação patrão-empregado onde o primeiro detém o poder, exercendo sua autoridade sobre o segundo, e nos detenhamos apenas no fato de que o que isto significaria em termos práticos: uma televisão inoperante, uma vez que se todos fizessem o mesmo que aquele empregado, qualquer programação televisiva se tornaria inviável, pois os conflitos seriam inerentes ao meio.

Vale ressaltar que a proposta de Karl Popper, só seria válida se pudéssemos mudar o funcionamento das sociedades no mundo atual. Estas sociedades como são organizadas, não comportam este tipo de iniciativa, pois não há como aliar interesses voltados exclusivamente ao lucro, a interesses de bem estar social, de conscientização, de cidadania.

No que concerne a violência exibida na televisão, não podemos deixar de concordar em parte com Karl Popper e John Condry, que como vimos afirmam que a violência dos programas televisivos interfere de maneira nefasta no comportamento das crianças e adolescentes.

Vejamos o que ocorre na televisão brasileira:

Com o fim da censura instituída na Constituição de 1988, o Brasil deixa de ter Leis específicas para regulamentar a veiculação da programação de TV. O que temos é uma portaria do Ministério da Justiça de outubro de 1990, estabelecendo os horários em que os programas são exibidos de acordo com a classificação. Portanto, não há nenhum

órgão responsável pela fiscalização e pelo cumprimento das regras. As televisões levam ao ar o que querem, quando querem.

O Jornal do Brasil publicou no ano de 1996 um artigo intitulado "Violência corre solta na TV", abordando a questão da violência exibida na programação em horário próprio para o público infanto-juvenil, desrespeitando o artigo 76 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

"As emissoras somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto-juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas".

Foi divulgada ainda neste artigo uma pesquisa realizada com 820 crianças de 8 a 12 anos sobre a violência em TV, com o seguinte resultado: quando questionadas se acharam que as emissoras de TV mostram cenas de violência em excesso, 57,7% das crianças entrevistadas responderam que sim, 29,8 % disseram que não e 12,5% não souberam responder.

Perguntou-se também se achavam que a violência mostrada na TV pode fazer com que as pessoas se tornem mais violentas: 56,1% responderam afirmativamente, 32,9% disseram que não e 11,0% não souberam responder.

A pesquisa ainda mostrou que as crianças ficam mais incomodadas com as cenas de violência do que com as cenas de sexo. Metade dos entrevistados afirmaram que as cenas de sexo ajudam a melhorar a compreensão sobre o assunto.

Podemos avaliar a partir do resultado desta

pesquisa que, embora a televisão exiba em suas programações violência em excesso, as crianças não estão assimilando o que vêem de forma totalmente alienada, como afirmam Karl Popper e John Condry.

Ainda sobre o impacto da violência na TV no comportamento infantil temos:

O psiquiatra Christian Gauderer, especializado em desenvolvimento infantil, diz que o temor de pais e educadores é infundado, uma vez que as crianças são muito mais influenciadas pelo modelo da família do que por filmes e novelas.

Para o professor Paulo Sérgio Pinheiros, Coordenador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, nenhuma pesquisa conseguiu demonstrar a relação de causa e efeito entre veiculação de violência e geração de comportamentos agressivos.

John Condry em sua análise afirma que a televisão é uma ladra do tempo. Podemos pensar um pouco sobre esta afirmação.

Certamente o autor não deixa de ter alguma razão, pois uma criança que passa horas assistindo televisão, terá menos chance de fazer outras atividades mais proveitosas para o seu desenvolvimento.

Entretanto se pensarmos em nossa realidade brasileira, podemos afirmar que seria menos pernicioso, uma criança pertencente a uma classe menos abastada passar horas diante da televisão, do que ir para as ruas e aprender com crianças maiores e até com adultos a cometer inúmeros delitos até transformar-se num pária da sociedade.

Como já expusemos anteriormente, Condry afirma que os valores transmitidos pela televisão nos programas destinados às crianças, privilegiam valores egoístas e egocêntricos, como o divertimento, a felicidade em detrimento de outros como: ajudar ao próximo, ser obediente e disciplinado.

Pode-se perceber nesta análise uma forte tendência funcionalista, onde tudo deve funcionar conforme as regras estabelecidas pela engrenagem do sistema.

Karl Popper e John Condry em suas verdades absolutas e fechadas sobre o fenômeno televisivo, nos remete a alguns questionamentos, além dos já feitos anteriormente na presente análise, a quem serviria esta "nova televisão" ao mercado, ao Estado ou ao indivíduo? Esta pergunta eles não nos esclarecem.

VI. KARL POPPER & CONDRY X VARIOS AUTORES

Televisão: perigo para a democracia?

Muniz Sodré em sua obra "A máquina de Narciso", faz uma análise imparcial e realista sobre os conteúdos das programações televisivas sem esbarrar na visão apocalíptica (Karl Popper e John Condry, entre outros) nem na chamada visão integrada onde a televisão é vista como a maravilhosa fábrica de sonhos.

Nesta análise, o autor afirma que ainda hoje os conteúdos precisam se legitimar através de padrões da cultura tradicional, que confirma o status-quo, ao mesmo tempo que inicia o público a novos papéis introduzidos pela

dinâmica social. Sobre a auto-suficiência televisiva, projeta-se uma espécie de eu ideal do grupo, ou seja, um "nós" idealizado, através dos conteúdos das emissões ou programas.

Desta maneira, eles refletem as representações sociais geradas por instituições vigentes ou pelo senso comum, mas corrigidas por um filtro próprio e de tal modo que não se poderia indicar uma fonte específica de valores.

Com uma forma organizacional dissuasiva, a televisão pode simular todo tipo de forma social existente no real-histórico (democracia, divisão do trabalho, hierarquia etc.) e o faz individualizando ou personalizando as forças sociais na realidade através dos noticiários, os modos de desempenho de papéis profissionais através de dramas e folhetins, etc.

Os conteúdos culturais televisivos aparentemente traduzindo as questões coletivas de um grupo, para além das divisões de classe, aprofundam politicamente as linhas ideológicas tradicionais desejáveis (individualismo, familiarização etc.) e inculcam valores de mudança (hedonismo, desrepressão, modernização etc.) necessários a expansão do consumo.

A distância entre retórica de mass-media e realidade do poder ficou patente no processo eleitoral de 1982 no Brasil, que significou um passo importante no caminho da liberalização do regime e da vida pública nacional. Ao lado da anistia dos exilados, do esvaziamento dos cárceres políticos, o Governo outorgou liberdade à imprensa, rádios e, sobretudo, a televisão, com debates que não equivaleram à participação efetiva no processo

decisório, isto é, à penetração popular no sistema de poder. Ou seja, a imagem da abertura, o discurso "democratista" serviram para ocultar a intocabilidade do centro do poder que, com um sistema próprio e invisível de informações, impunha suas decisões aos partidos, ao Poder Legislativo, às variadas instituições intermediárias. A margem de participação das massas nas decisões fundamentais não foi ampliada pelo processo de abertura política, a despeito da euforia retórica dos "mídia".

O complexo televisivo se instala no vazio institucional para simular uma continuidade do real-histórico. Ou seja, estimula retoricamente o olhar, fascinando-o, para ocultar o fato político da implantação de novas formas de controle social que nada mais têm a ver com ocupação de território, aniquilamento físico ou disciplinamento produtivo, e sim a assimilação psicológica dos indivíduos, das consciências narcisicamente teledirigidas.

O autor finaliza seu discurso afirmando:

"A imagem enreda o olho numa aparência de objetividade, de ausência de falhas, de capacidade de abranger todo o sentido possível: o vídeo e o espelho de um mundo em desvanecimento, mas simulado segundo as regras inexoráveis de uma produção monopolista que pretende demonstrar a onipotência da técnica e de um Estado que se dispõe a gerir tecnoburocraticamente o espaço social. E todo espelho, sabe-se é poderosamente sedutor, seja ao olho do lumpen do Morro da Mangueira, seja ao olho, culturalmente armado, dos donos do asfalto urbano".

No que concerne à proposta de Karl Popper para o controle da programação televisiva, lembramos Humberto Eco, que acredita que existem meios de comunicação que, à diferença dos meios de produção, não são controláveis nem pela vontade privada, nem pela coletividade. Para Eco, diante deles nós todos, do diretor da CBS ao presidente dos Estados Unidos, de Martin Heidegger ao mais humilde camponês do delta do Nilo, somos todos proletários.

Frequentemente os políticos, os educadores, os cientistas da comunicação, acham que para controlar o poder dos mídias seja necessário controlar dois momentos comunicativos da cadeia: a Fonte e o Canal. Desse modo acredita-se controlar a mensagem; ao contrário, controla-se a mensagem como forma vazia que chegada a destinação cada um preencherá com os significados que lhe serão sugeridos pela própria situação antropológica, pelo modelo de cultura.

Eco ressalta que será preciso aplicar uma solução de guerrilha. É preciso ocupar, em todos os lugares do mundo, a primeira cadeira diante de cada aparelho de televisão, de cada transmissão, de cada página de jornal. Teremos que ser capazes de imaginar sistemas de comunicação complementar que nos permitam atingir cada grupo humano isolado, cada membro isolado do público universal, para discutir a mensagem que chega à luz dos códigos de chegada, confrontando-os com os de partida.

Uma organização educativa que conseguisse fazer um determinado público discutir a mensagem que está recebendo poderia inverter o significado dessa mensagem. Ou mostrar que a mensagem pode ser interpretada de diversos

modos. Para o autor, é necessário impelir o público a controlar a mensagem e suas múltiplas possibilidades de interpretação.

John Condry em sua visão apocalíptica da Televisão, acredita que a criança que vê muito televisão, é terrivelmente prejudicada em seu desenvolvimento podendo inclusive apresentar problemas mentais futuros. Ainda nesta linha de raciocínio, o autor afirma que esta criança lê menos em função das muitas horas diante da TV.

Maria Tereza F. Rocco em sua obra "Linguagem Autoritária". Televisão é persuasão, afirma que nem tudo em televisão é só "programa Silvio Santos", que podemos ter na TV um excelente veículo de produção cultural de bom nível e que se configure também como forma de lazer, de diversão. Em seu trabalho sobre o verbal dos comerciais televisivos, a autora constata que os próprios comerciais, geralmente são bem feitos, inteligentes e instigantes.

A autora aborda a questão do tempo roubado à leitura, e faz um questionamento pertinente: lia-se muito mais antes do advento da televisão? Ela afirma que sim e que ainda continua-se lendo, por exemplo, em países que têm configurado na leitura um forte valor cultural, uma tradição cultural. E nestes casos, a TV é um firme auxiliar da leitura e do leitor.

Maria Tereza ainda esclarece que embora haja uma maior dificuldade infantil em confrontar a representação do real com outras realidades e considerando-se a situação de uma criança assistir à televisão diariamente, por muitas horas seguidas, fato muito preconizado por vários estudiosos (apocalípticos) que levaria a esta criança a

tornar-se alienada, mesmo assim nada de concreto foi, felizmente, observado nesta direção. A autora afirma:

"Ela pode apresentar, talvez, maiores dificuldades em diferenciar as fontes produtoras de "real", mas não reduz a realidade sensível a essas "representações de real" que lhe são passadas."

Para a autora, o medo de um processo alienador, é infundado. Uma criança saudável, mesmo vendo muita TV, não se tornará por esta razão o "videota" de "Muito Além do Jardim", filme protagonizado por Peter Sellers.

Segundo Maria Tereza, pode ocorrer um indesejável e nocivo estreitamento do campo real de experiências sensíveis, estreitamento também dos contatos interpessoais que, em verdade, são insubstituíveis.

A autora conclui que o risco está em se ter a TV como opção única, e que é necessário trabalhar para a construção de uma leitura crítica do veículo, de uma recepção crítica das mensagens, de um conhecimento do meio, e que isto deve ser desenvolvido pelos diversos segmentos da sociedade.

E para finalizar, alguns exemplos, sobre o domínio que a TV exerce na sociedade:

Em recente artigo publicado no Jornal do Brasil pudemos verificar o domínio cultural da televisão. Através de uma pesquisa comprovou-se a influência das telenovelas nos índices demográficos do país. A taxa de natalidade da mulher brasileira caiu de 5,76 filhos por mulher em 1960, para menos da metade nos anos 90. E isto, em parte, se

deve ao conteúdo das mensagens veiculadas nas telenovelas brasileiras. O que os pesquisadores pretendem demonstrar é que tais mensagens inseridas na trama, de forma sutil e subliminar e ao longo de muitos anos, são captadas pelo público, transformando comportamentos.

Num outro artigo do mesmo jornal intitulado "No balanço do Tchan", Muniz Sodré faz uma análise bastante pertinente sobre fenômenos como Carla Perez - a loira que ele chama de calipígia do Tchan, o programa da Xuxa e os Mamonas Assassinas. Ele afirma que a TV vem associando o imaginário infantil à suas recorrentes fantasias lascivas.

Muniz Sodré, considera que nem todas as crianças interpretam em termos estritamente libidinosos o que vêem ou ouvem, mas lêem não apenas o conteúdo literal do discurso erótico como também, indiretamente, a excitação real e difusa do espectador adulto.

Difusa, porque aos aspectos lascivos misturam-se marcas de um comportamento pândego, comprometido com o grotesco, ou seja, com a estética das partes baixas do corpo.

O autor afirma que é violenta e nada pacífica, essa homogeneização mediática de adultos e crianças. Dissipa-se muito insumo social (medido em capital monetário e talento) em grotesco, descuida-se da infância tanto nas ruas quanto nos discursos eroticamente promíscuos. Ele afirma: "há uma espécie de metástase do marketing."

O autor finaliza seu artigo dizendo:

"Do homem também espera-se reflexão. Rir nem sempre é o melhor remédio. O riso fácil demais às vezes é só rictus

de descarga nervosa, puro reflexo condicionado, que nos desvia de verdades incômodas e graves."

Muniz ainda cita o crítico norte-americano Neil Postman, preocupado com o excesso de espetáculo no jornalismo e na vida pública de seus país, diz suspeitar de que algo em nós pode estar morrendo de tanta diversão.

VII. CONCLUSÃO

As teorizações expostas no presente estudo são sem dúvida de extrema relevância para a compreensão do incomparável aparelho de sedução que é a televisão. Contudo a presente análise procurou ser o mais imparcial possível, desvelando o que havia nos discursos algumas vezes arrebatadores de alguns autores estudados.

Estabelecer verdades absolutas acerca do fenômeno televisivo e o que este representa para a sociedade, parece-nos precipitado. Há que se considerar que por ser um veículo comercial terá seu foco principal voltado para o consumo, contudo não significa que esteja direcionada exclusivamente para este intento.

A realidade é: todos assistem televisão e a tendência será a modernização cada vez maior da TV visando a perpetuação de seu poder.

Nos Estados Unidos já existe um aparelho de TV que funciona como uma tela de computador inclusive com acesso à Internet. Neste mesmo país, temos a incorporação do V chip (o que quer que isto signifique) à recente lei que reestruturou as telecomunicações norte-americanas.

Através dele, os pais poderão vetar eletronicamente os programas de TV que considerem inconvenientes a seus filhos. A televisão digital que num futuro próximo invadirá o mercado, com imagens mais nítidas e som tão límpido quanto o dos Cds e ângulos mais amplos devido as telas serem mais curvas. As emissoras poderão transmitir informações adicionais como por exemplo: num jogo de futebol, o telespectador acessará se quiser um banco de dados que trará todas as informações sobre o time, numa parte da tela.

Diante desta poderosa indústria cultural será preciso mais que análises acadêmicas feitas à margem da realidade de nosso país.

É preciso que tenhamos consciência que a classe menos favorecida em sua maioria, tem na televisão a única opção de lazer e tendo um nível de escolaridade baixo, não possui um olhar crítico, não conseguindo discernir ao certo se o que vê é real ou não. Mas certamente saberá que não é a sua realidade. O carnavalesco Joãozinho Trinta definiu bem o pensamento desta classe sofrida ao cunhar a frase "quem gosta de miséria é intelectual, pobre gosta de luxo".

Se nos determos para analisar a frase acima, constataremos que é a mais pura expressão da verdade, e basta citar aqui, o sucesso estrondoso que fazem as telenovelas no Brasil. Estes folhetins, geralmente têm em sua trama um pobre que casa-se com um rico, o vilão que no final tem seu castigo merecido, enfim tudo acaba como nos contos de fada: "e foram felizes para sempre".

Será que o cidadão da classe menos abastada percebe que tudo não passa de ilusão? Podemos arriscar em responder que sim. Mas o que resta-lhe após chegar em casa depois de um dia de trabalho e de ter feito um longo percurso até a sua casa na periferia com transportes abarrotados e cuja remuneração no final de cada mês, mal dá para alimentar a sua família. Este indivíduo precisa do sonho, da ilusão mostrada na televisão para "esquecer" a sua própria vida tão miserável.

Não nos enganemos em achar que esta classe é a todo momento enganada e manipulada pela sedução da televisão. Quando questionados sobre a trama de uma determinada novela, eles são unânimes em afirmar que "pobre casando com rico, ladrões de colarinho branco sendo presos só acontece em novela."

No contexto acima descrito, vale a seguinte pergunta: a televisão é perniciosa ou é uma opção de divertimento e descontração?

Não é a minha intenção aqui, fazer apologia da televisão, mas constatar que a televisão tanto pode ser alienadora, autoritária como pode ser um opção de diversão e até um eficiente veículo de Educação se soubermos fazer uso dela.

Poderíamos aqui fazer uso de vários exemplos onde a Televisão torna-se autoritária e manipuladora e outros sendo educativa e democrática, entretanto citaremos abaixo dois exemplos que caracterizam uma e outra.

Recentemente li um artigo do Jurandir Freire, em que fazia uma análise de um programa de uma emissora de grande audiência, onde uma das atrações era a abordagem de

adolescentes bonitas na rua, em que se fazia perguntas desconexas e tão logo a moça respondesse, o entrevistador gritava: "cala a boca Magda". Jurandir expõe toda a sua indignação ao afirmar:

"...O essencial está na 'lição de civismo' e 'eticidade' da 'ingênua brincadeira'. Se os produtores não sabem, está na hora de aprender. Vivemos numa cultura em que 'inteligência', para ser prezada, tem de estar à serviço do respeito à vida, à liberdade e a à dignidade da pessoa. Hitler, Stalin, Franco, Mussoline e muitos bandidos, corruptos e delinquentes deste país foram e são homens extremamentes inteligentes. Nem por isso são menos abomináveis. E se os abominamos é justamente porque serviram-se da inteligência que tinham para jogar fora os valores de nosso credo moral básico. Humilhar publicamente adolescentes só para cumprir tarefa e embolsar o gordo salário, isso sim, é 'analfabetismo moral'.."

Em seguida Jurandir nos fala sobre outro programa na mesma emissora que levou ao ar um belíssimo seriado inglês chamado "O Sentido da Vida", no qual um dos episódios tinha por título "Parceiros para a Vida". No documentário, mostrava-se como nossa sobrevivência na Terra depende da cooperação e solidariedade de todos os seres vivos. O autor finaliza afirmando que o programa foi: "um primor de sensibilidade, delicadeza, bom gosto e apelo ao respeito ao outro.". E que é possível ter vida inteligente na Televisão

É evidente que programas como o que foi por último citado, são em menor número do que aqueles em que a Televisão mostra a sua face autoritária e manipuladora. Mas

vale lembrar que quanto maior for o nível cultural de um povo, maiores serão suas exigências. Esta afirmação poder ser comprovada em alguns países europeus. Na Suíça por exemplo, os comerciais de televisão são completamente diferentes dos veiculados aqui no Brasil.

Enquanto a propaganda brasileira têm um apelo comercial muito forte, massificador (hard sell), chegando algumas vezes ao limite do desrespeito ao público, a propaganda suíça é mais subliminar, mais artística, não agride o telespectador com o apelo excessivo ao consumo. A ênfase está na beleza das imagens. E embora o foco da televisão Suíça não seja comercial, ela não deixa de ser também um instrumento à serviço do capitalismo, contudo o que a torna mais "humana" que a nossa, são as exigências de uma sociedade consciente de seus direitos de cidadãos, conseguidos através da Educação.

Voltamos mais uma vez ao nosso maior problema: o baixo nível de educação em nossa sociedade. Este é o cerne do problema. A televisão não pode ser a única acusada, pois tal como está organizada ela nada mais é do que o reflexo de nossa sociedade, marcada pela cultura massificada do consumo, pelo apelo excessivo à juventude e ao belo, enfim uma sociedade onde o número de excluídos é alarmante.

Contudo, como já foi afirmado acima, é preciso ir além das discussões acadêmicas, é preciso reverter o quadro caótico da Educação no Brasil, para que não haja artigos como o que foi publicado na revista Veja (junho de 1997) intitulado: "Vergonha nacional" abordando a questão do analfabetismo no Brasil, cujos índices são vergonhosos para um país que, como bem definiu a reportagem, tem pela

primeira vez um professor no Planalto e uma professora à frente da assistência social.

Refletir sobre o poder da televisão e de outros meios de comunicação deverá levar, portanto, a questionamentos como: poderá uma sociedade como a nossa transformar o perfil deste veículo nas bases em que está estruturada? Mesmo "Poliana" não conseguiria ser otimista diante deste quadro.

A televisão precisa mudar? Sim, todavia é imprescindível buscar-se mudanças dentro da sociedade e a mais urgente é educarmos nosso povo que detendo o saber, saberá exigir e conduzir os variados processos de transformação para uma sociedade mais justa.

Finalizo citando Maria Tereza Fraga Rocco: Viver é preciso. Conhecer as singularidades da televisão também".

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos do Estado.**
Rio de Janeiro. Graal, 4a. ed., 1989.
- ALVES, Rubem Azevedo. Conversas com quem gosta de ensinar.**
de ensinar. São Paulo. ARS Poética, 1995.
- ECO, Humberto. Viagem na Irrealidade cotidiana.** Rio de Janeiro,
Editora Nova Fronteira, 2a. edição.
- KELLY, Celso Otávio do Prado. arte e comunicação.** Rio de Janeiro,
Editora Agir, 1972.
- POULANTZAS, Nicos. Poder político e classes sociais.** Vol. II, p. 36.
- POPPER, Karl, CONDRY, John. Televisão: um perigo para a**
Democracia. Lisboa, Gradiva, 1a. edição, 1995.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. linguagem autoritária. televisão e**
persuasão. São Paulo, 1a. edição. 1988, Brasiliense.
- SODRÉ, Muniz. A máquina de narciso. Televisão, indivíduo e poder**
no Brasil. São Paulo, 3a. edição. 1994, Cortez.
- TOSCANI, Oliviero. A publicidade é um cadáver que nos sorri.**
Rio de Janeiro, 1996, Ediouro.
- Folha de São Paulo. Jurandir Freire Costa. Caderno MAIS, 29 de**
dezembro de 1996, p. 3.
- _____. Renato Janine Ribeiro. Caderno MAIS, 30 março de
1997, p. 5.
- BOURDIEU, Pierre. "Não há nada pior que a TV". Jornal do Brasil**
Caderno B, 21 de abril de 1996.

JORNAL DO BRASIL. TV ajuda a reduzir taxa de fecundidade.
1o. caderno, 26 de maio de 1996, p. 19.

_____. Violência corre solta na TV. Rio de Janeiro,
20 de maio de 1996. p. 20.

DIEGUES, Carlos. O futuro passou. Revista Veja 25 anos. 1993. p.51-
61.

ECO, Umberto. Rápida Utopia. Revista Veja 25 a nos. 1993. p.109-115.

REVISTA VEJA. "Vergonha nacional". 18 de junho de 1997.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO - EE
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

Declaramos para os devidos fins, que a aluna Margarete Bandeira Mesquita, matriculada nesta Universidade sob o número de matrícula 931351069, inscrita na disciplina Monografia, ministrada pela professora Gilda Grumbach e orientada pelo professor Dr. José Maria Coutinho, apresentou a monografia como condição para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade do Rio de Janeiro.

Professor - Orientador: José Maria Coutinho Grau: 9,0 (nove)
José Maria Coutinho

Professor - Leitor: Valéria C. L. Wilke Grau: 10,0 (Dez)
Valéria C. L. Wilke

Professor da Disciplina: _____ Grau: _____
Gilda Grumbach

Média final: _____

Rio de Janeiro, de julho de 1997.

Diretora da Escola de Educação